

Desindustrialização e câmbio

PARA O EX-MINISTRO, A TENDÊNCIA DE QUEDA DE PARTICIPAÇÃO DA INDÚSTRIA NA ECONOMIA BRASILEIRA SEGUI COM FORÇA E SE DEVE PRINCIPALMENTE À TAXA DE CÂMBIO, QUE TORNA AS EXPORTAÇÕES POUCO COMPETITIVAS. ELE CRITICA AS RECEITAS DE POLÍTICA ECONÔMICA INSPIRADAS NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS

O economista Luiz Carlos Bresser Pereira já ocupou três ministérios: Fazenda, no governo Sarney, e, com Fernando Henrique Cardoso, Reforma do Estado e mais tarde Ciência e Tecnologia. Hoje, professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, dedica-se à crítica, que procura exercer de forma equilibrada. Tem elogios tanto à gestão de Fernando Henrique quanto à de Lula. Mas opõe-se à conduta em um tema fundamental que perpassa ambas: a política macroeconômica, em especial no que diz respeito aos juros e ao câmbio. Ter uma moeda sobrevalorizada é a principal razão para os produtos manufaturados brasileiros perderem espaço na concorrência global, argumenta Bresser Pereira nesta entrevista a **Indústria Brasileira.DOC**.

O Brasil passa por um processo de desindustrialização?

A desindustrialização é o processo de queda na participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Os países ricos, a partir de certo nível de industrialização, de renda *per capita*, começaram a se desindustrializar. Dada a concorrência de países como o Brasil, onde a mão de obra é mais barata, ou da China, onde é ainda mais barata, esses países desenvolvidos deixam de produzir bens industriais, especialmente os de tecnologia mais simples. Transferem sua mão de obra para setores de serviços com tecnologia, renda e valor adicionado *per capita*, com tecnologia mais sofisticada, valor adicionado *per capita* mais alto e, portanto, salários médios mais altos. Quando isso acontece, é ótimo! Essa desindustrialização é sadia. Agora, quando um país como o Brasil, ainda com uma renda *per capita* muito baixa, começa a fazer isso, é muito mau sinal. A desindustrialização brasileira é prematura. Se fosse acontecer com US\$ 15 mil de renda *per capita*, tudo bem [a renda anual dos brasileiros é de US\$ 10.465 hoje, pelo critério da paridade do poder de compra].

Segundo algumas análises, isso é resultado da globalização e das mudanças na gestão das empresas. Qual sua opinião?

Existem os economistas que não acreditam em elefantes, que não querem ver os números. Por que a globalização vai impedir a industrialização do Brasil? Não impede a da China, por que impede a do Brasil? Não impede a da Coreia do Sul. Países que continuam se industrializando, como esses, crescem muito mais depressa do que nós.

Por que isso ocorre?

O desenvolvimento econômico é um processo de aumento da produtividade, que pode acontecer de duas maneiras: ou se aumenta a produtividade no mesmo setor industrial, na mesma fábrica, digamos; ou se transfere a mão de obra de um setor de baixa produtividade para um setor de mais alta produtividade. Em toda parte do mundo, o avanço começou a ocorrer da segunda maneira. No setor industrial, a produtividade média é muito maior do que no setor agrícola e, em certos casos, na mineração. Depois, pode-se fazer como os países ricos: transferir a mão de obra do setor industrial para o setor de serviços



THAIS FALCÃO



THINKSTOCK

altamente sofisticados. Um setor de produtividade mais alta tem mais tecnologia e emprega trabalhadores mais qualificados, portanto com salário médio mais alto.

Falta uma política industrial efetiva no Brasil?

A política industrial é secundária. É importante ter política industrial, mas o problema fundamental é a falta de oportunidade de investimentos lucrativos para os empresários. Eles são homens inteligentes, corajosos, que pensam em inovação, assumem riscos e investem. Para fazer isso, precisam perceber que existe demanda, portanto oportunidade de investimento lucrativo. No Brasil, desde 1980, isso tem sido insuficiente. Em consequência, os empresários investem menos. Existe crédito, outra condição. Pelo menos o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] dá crédito. Mas as oportunidades são poucas. Não se investindo – como sou um keynesiano –, o resultado é uma poupança pequena [para os adeptos da escola do economista britânico John Maynard Keynes, a demanda por investimento provoca elevação do nível de poupança da economia]. A taxa de poupança no País fica em torno de 17% a 18% há muito tempo.

Por que as oportunidades de investimento lucrativo são pequenas no Brasil?

Essas oportunidades dependem da demanda. Existem dois tipos de demanda: a interna e a externa. No caso da demanda interna, a principal variável são os salários. Se crescem com a produtividade do País, existem oportunidades de investimentos. Se crescem menos do que a produtividade, como tende a acontecer em países em desenvolvimento, as oportunidades são pequenas. O Brasil só cresceu bastante nestes últimos quatro anos porque o Governo Federal neutralizou a tendência de os salários crescerem menos do que a produtividade. Aumentou o salário mínimo em termos reais e aumentou os gastos com Bolsa Família.

Além disso, fez outra coisa não tão boa que foi aumentar o crédito por meio do crédito consignado.

E a demanda externa, do que depende?

O fundamental é a taxa de câmbio. Se há uma taxa de câmbio competitiva, todo o mercado mundial fica à sua disposição, desde que você seja eficiente. Tendo demanda externa, tem oportunidade de investir para exportar. Quando a taxa de câmbio está paralisada, como quase sempre ocorre no Brasil, as oportunidades de investimento lucrativo para exportar desaparecem, ficam muito pequenas. Para ter oportunidade de investimento lucrativo, é preciso ter salários crescendo com a produtividade e taxa de câmbio competitiva. Precisa de uma terceira coisa, que favorece os dois fatores mencionados: taxa de juros razoavelmente baixa, o que temos no caso da taxa de longo prazo do BNDES, mas só para quem tem acesso a isso.

Todos esses fatores negativos têm prejudicado o País?

Com exceção destes últimos quatro anos, geralmente os salários crescem menos do que a produtividade. E geralmente a nossa taxa de câmbio está apreciada por causa da famosa doença holandesa, mais a entrada de capitais no Brasil, especulativo ou não. As entradas de capitais de que não precisamos, capitais que vêm nos aborrecer e atrapalhar, fazem com que a taxa de câmbio seja apreciada. Oportunidade de investimento lucrativo não depende apenas da taxa de lucro esperada; é esta menos a taxa de juros. O fato de termos uma taxa de juros alta também atrapalha, tanto para o mercado interno quanto para o externo.

É preciso então mexer no câmbio e nos juros?

A receita é o “Novo Desenvolvimentismo”, uma estratégia nacional de desenvolvimento baseada num tripé: responsabilidade fiscal e cambial, além de papel estratégico do Estado para estimular a economia. Tem que es-

timular e manter estável a economia brasileira. O tripé ortodoxo é essa conversa de superávit primário, câmbio flutuante e políticas de metas de inflação. Os empresários têm que escolher se querem essa bobagem ou se querem uma coisa séria. Se querem a receita que nos oferecem nossos concorrentes nos Estados Unidos e na Europa, ou se querem uma estratégia que seja nacional. Os empresários estão resolvendo aos poucos.

O que têm feito os governos?

No ano 2000, no Governo Fernando Henrique, foi feita a Lei de Responsabilidade Fiscal, uma bela lei. Começou também, em 1995, a reforma gerencial do Estado, que continua acontecendo. No Governo Lula, a política industrial melhorou muito. Não acho que isso seja algo fundamental, mas sou a favor. A demanda interna foi garantida, como falei. No Ministério da Fazenda, houve pressão forte para a baixa dos juros reais, e conseguiu-se alguma coisa. Também hou-

ve algo muito importante que o Ministério da Fazenda começou a fazer: um controle da entrada de capitais por meio do IOF de 2%. Uma medida pequena, mas muito boa, porque segurou a sobrevalorização violenta que estava acontecendo. Tivemos alguns avanços, sim.

A questão dos gastos públicos também influencia?

É fundamental controlar os gastos públicos. Mas não adianta ficar só com essa história. Tem um gasto público ineficaz, de gente que trabalha pouco, e tem um gasto público de salários excessivos de alguns setores, que se agravou bastante no Governo Federal. Houve aumentos excessivos de funcionários. Mas grande parte do gasto público é voltada para coisas necessárias: educação, saúde. Nesses itens, não se deve mexer de jeito nenhum. O Estado social brasileiro é uma coisa muito importante. O nosso SUS [Sistema Único de Saúde] é uma coisa extraordinária. •

**Países ricos transferem
mão de obra da indústria
para serviços. Aqui isso é
prematureo. Quem continua
se industrializando cresce
mais do que o Brasil**

THAIS FALCÃO

